Função didática-pedagógica do design de moda baseado em fibra têxtil vegetal diante da fome global

Antonio Takao Kanamaru (Bacharelado Têxtil e Moda - EACH/USP).

Resumo

Estudo sobre a função pedagógica do design em moda baseada em fibras vegetais e em seu caráter artesanal, no qual se evidencia a unidade entre o fazer manual, a transmissão oral e o trabalho comunitário. A replicação didática desse processo constitui a realização, por excelência, do papel sócio-educacional maior do design de moda e de objetos têxteis.

Palavras-chave: design de moda; fibras vegetais; função pedagógica.

Abstract

Study on the pedagogical function of vegetal textile fiber-based fashion design and on its artisanal character, in which the unity among handly practice, oral transmission and communitarian is evinced. The didactic replication of this process constitutes the accomplishment, par excellence, of the major social and educational roles of fashion design and textile objects.

Keywords: *textile design; vegetable fibers; pedagogical function*.

Introdução

A partir da experiência didática e pedagógica para a formação de estudantes universitários de design de moda e têxtil, refletiu-se a importância estrutural do uso de fibras vegetais nessa especialidade, porém não apenas como mera matéria-prima em voga, mas com a defesa da consciência da necessidade de mudança qualitativa em relação ao modelo de produção dominante.

Trata-se de esforço de delimitação temática coerente ao contexto brasileiro atual em termos educacionais tendo como eixo a reflexão do papel do design e da criação no campo da moda e de produtos têxteis, nos aspectos sociais e ambientais.

Nesse sentido é importante considerar o estabelecimento do tema em termos globais por organismos internacionais como a FAO e ONU em 2009, o *Ano Internacional das Fibras Vegetais*, devido ao seu inerente caráter social e ecológico. Nesse tema internacional foi considerado a importância

crítica dessa matéria-prima e produção social diante do problema da segurança alimentar e ao combate à fome global.

Investigar o papel do design seja na moda e em produtos têxteis e a criação com vistas ao objetivo mais amplo estabelecido pelo ideal do combate à fome global, constitui um tema nobre ao design e todas as linguagens de criação.

A considerar que fibras vegetais correspondem à matéria-prima elementar do design de moda e produtos têxteis, verificou-se que essa especialidade pode se constituir campo radical de experimentação criadora principalmente no âmbito da universidade pública em seu ideal de autonomia e de pesquisa de base independente e crítica, mantida pelo imposto dos trabalhadores contribuintes.

Constitui esforço modesto de contribuição à questão internacional do combate à fome global em termos gerais o estudo, mas especificamente de investigar a metodologia didática-pedagógica no espaço modesto da sala de aula. E, principalmente de analisar criticamente fibras vegetais sem o viés comercial e financeiro sempre contraditoriamente presente em discursos e projetos de (pseudo-)inclusão social.

Trata-se de estudo em fase exploratória-descritiva a partir da literatura da área de design no campo da moda e produtos têxteis. Considerou-se como eixo de análise e reflexão o fazer artesanal, a inerente transmissão oral desse conhecimento e o trabalho comunitário, processo que sintetiza o ideal do trabalho coletivo criador em geral abordado como fase pré-industrial ou primitiva, mas compreendido e abordado neste estudo como matriz válida para o desenvolvimento do design de moda e de outras formas de criação como instrumento emancipatório.

A organização do artigo está estruturada em seu primeiro capítulo *Da técnica sem poética à necessidade do fazer criador*, sobre o processo de marginalização do fazer didático artesanal a partir da fibra têxtil e da importância de consideração do fazer criador como ideal. No segundo capítulo, *Urdir e tramar: processo aberto e comunicativo do fazer artesanal*, a análise do processo técnico-construtivo e das diferenças específicas existentes no fazer artesanal, fundamentais ao processo de aprendizagem, e, finalmente, o capítulo final, *O ensino e a aprendizagem da fibra vegetal em design na moda e têxtil*, na qual se postula com base na análise precedente a aplicação didática-pedagógica do fazer artesanal com base em fibras vegetais principalmente no design de moda e de produtos têxteis como especialidade central para a reflexão de mudança qualitativa do modo de produção baseada em um fazer coletivo e criador intrinsecamente includente.

Da técnica sem poética à necessidade do fazer criador

Didaticamente um dos aspectos mais importantes da criação reside na técnica ou simplesmente no “fazer” de um objeto ou instrumento, seja no design de moda, design têxtil e outras linguagens. E etimologicamente o termo técnica, tekne, revela a sua própria antiguidade.

Desde a pré-história objetos encerram em sua forma o seu aspecto técnico mas simultaneamente a estética ou aisthesis. A consciência dessa unidade na confecção do objeto iniciou a sua poética ou poiesis. Tanto tekne

quanto poiesis encerram em seu significado geral a sua noção prática, o fazer.

Essa faculdade humana de construir as suas ferramentas e as apreciar levou à formação do mito antigo de Prometeus, divindade titânica que em rebelião celeste concedeu o fogo criador à Humanidade em vez de mantê-la sob o domínio restrito de Zeus. A criação perde o seu caráter divino e se dissemina a partir de mãos humanas.

Explicação mítica à parte, a fibra vegetal presumivelmente desde a pré-história na sobrevivência diária é utilizada por meio da aprendizagem empírica do uso bruto e a sua disseminação pela imitação.

Em algum momento a criatividade passa a melhorar o seu uso e a imitação dissemina as pequenas conquistas de uso e manejo constituindo dessa maneira, grosso modo, a técnica.

A sobrevivência dos hominídeos entre outros fatores foi possível pela generalização espontânea da técnica. Certamente a transmissão pelo exemplo, pela experiência permitiu a aprendizagem coletiva.

Com o desenvolvimento da linguagem verbal e escrita a transmissão adquire maior abrangência e a possibilidade de aprendizagem histórica do passado e do presente, a noção ulterior da tecnologia cuja consolidação ocorre a partir do contexto têxtil e fabril do século XVIII.

Do antigo manuseio artesanal da fibra vegetal a criação com a mão humana passa ser crescente mediado crescentemente pelas máquinas, pela crescente concentração do capital e da informação.

Esse desenvolvimento histórico dominante então inaugura um processo pelo qual a presença humana majoritária tanto na produção e para desproporcionamente quanto em seu acesso ou consumo, revela-se prescindível.

Se as antigas noções de tekne e poiesis, possuíam indissociavelmente o significado do fazer, apreciar e criar pela mão humana pela aprendizagem coletiva, modernamente o processo passou adquirir um caráter vertical e fechado em termos de informação.

Se no antigo artesanato a imitação constitui fundamento de desenvolvimento e difusão de técnicas, historicamente com o advento dos modernos meios a imitação passa a adquirir caráter marginal.

Consequências diretas à pedagogia moderna se tornam imediatas, pois o seu objetivo de geração e difusão de novos conhecimentos se torna historicamente obstaculizado pelo modo de produção hegemônico.

O processo resultante de padrões dominantes atingem também a criação, pois se no artesanato a criação constituía a construção da identidade e originalidade em movimento, na padronização improvisações passam gradativamente a constituir ato intolerável.

Não obstante as inegáveis e fundamentais contribuições industriais à Humanidade, a possibilidade de simultaneidade histórica dos modos de produção e de vida hoje mais claros, permitem a reflexão pedagógica do lugar da criação pela mão humana principalmente na transição histórica da era industrial para a dos serviços, cujo avanço da informação torna gradativamente prescindível o operador humano também nos postos industriais. A crescente possibilidade de produção também não necessariamente permite o crescente acesso.

Nesse processo a pedagogia adquire relevância renovada no campo da criação, pois se os processos de produção e de consumo se desenvolvem na história sem necessariamente a participação majoritária e o atendimento às necessidades fundamentais humanas, aqueles à margem desse modelo de desenvolvimento poderiam revisar historicamente a sua (não) participação no trabalho de produção e o seu (não) acesso aos bens.

Uma revisão histórica significativa residiria no ponto de partida do processo industrial que nascera sob signo da confecção têxtil. Nesse sentido o ponto zero da aprendizagem residiria na abordagem ao seu elemento básico, a fibra vegetal como outrora se depararam o mais remoto hominídeo e o seu igual para imitá-lo com melhorias e devolvê-lo com satisfação igualitária em prol de melhores chances de sobrevivência própria e comunitária.

Trata-se em hipótese recuperar o fazer humano. No pensamento mítico dos antigos, libertar Prometeus por meio de sua própria contribuição, a criação. Nesse mesmo sentido, restituir o lugar ao poético, motivador maior da relação de ensino e aprendizagem. O design de moda possui lugar e momento precisos para o trabalho hercúleo.

Urdir e tramar: processo aberto e comunicativo do fazer artesanal

O fazer artesanal como resumiu Ruskin, pressupõe a presença da mão, do olho e do coração, porém tanto quanto esses elementos há a ainda a considerar a comunicação aberta, a transmissão oral entre os artesãos.

A relação horizontal entre os construtores medievais, por exemplo, provém desde os canteiros coletivos de trabalho para o erguimento de catedrais, em que artesãos de todos os ofícios tinham de compor coletivamente as suas habilidades construtivas e as dificuldades necessitavam a ação coletiva para a resolução, posto que as obras tinham como objetivo simplesmente a eternidade.

Esse trabalho necessitava partir da pedra fundamental à estrutura das cúpulas. A comunicação deveria portanto ser cerrada para a compreensão mútua das ações.

Nesse sentido a construção coletiva por pessoas simples de obras eternas, evidencia o caráter estratégico e potencial do trabalho comunicativo, sendo esse processo a raiz própria do fazer artesanal.

Se no canteiro de construção o trabalho parte da simples pedra e de pedaços de madeira para erigir a arquitetura, no campo têxtil a fibra vegetal constitui o elemento mínimo do trabalho da moda.

A observação direta dessa matéria-prima permite compreender a sua “arquitetura” formal constituinte desde tempos remotos em linhas simples ortogonais, em verticais e horizontais, ou seja, a *urdidura* ou a sequência de verticais para a base estrutural construtiva análoga aos pilares arquitetônicos, e as *tramas* ou a sequência de horizontais análogas ao vigamento em construções.

Urdir e tramar portanto, constituem ao processo construtivo do material têxtil elementar, o tecido, a base construtiva essencial, literalmente na forma de uma rede com vazados menores.

O manuseio de fibras vegetais com exceção de aplicações em objetos para fins rústicos, necessita a sua preparação principamente quanto à sua secagem, mas diante do procedimento de entrelaçar requere-se o seu umedecimento para a facilitação do manuseio.

Tal como em qualquer obra a formação do material ou objeto requer a liga de um elemento a outro de modo a servir a estrutura geral como uma rede de múltiplos escoramentos. O enlaçamento para os nós das tramas nos urdumes perfazem a base da estruturação da forma do tecido enquanto material têxtil.

No entanto, se construtivamente as noções gerais permitem uma analogia imediata ao mundo da construção e protensão arquitetônica ou da engenharia civil, a compreensão da forma da matéria-prima para o trabalho artesanal com fibras vegetais pode buscar maior aprofundamento no campo da cestaria visto o trabalho artesanal da tecedura não é linear.

Na cestaria o trabalho de urdir não se resume à função estruturadora do material, mas simultaneamente a sua caracterização morfológica geral como, por exemplo, a ação sistemática de envergamento e dobras de urdiduras, os pilares da construção do material, possibilidade com menor margem de liberdade na construção arquitetônica e de engenharia civil, de modo a tornar praticamente orgânica a estrutura principal da forma do material. Acabamentos em bordas permitem torná-la o fechamento de topo tal como em estruturas tubulares de secção tanto cilíndrica quanto poligonal em mobiliário. Nesse sentido, o trabalho construtivo do material em urdidura e tramas permite o entrelaçamento em todos os aspectos, seja no sentido estruturador da forma quanto de componentes essenciais. O trabalho de urdir quanto de tramar engendra as funções simultâneas de estruturação quanto de linguagem.

Com base na compreensão desse processo complexo de estruturação orgânica do tecido já a partir das fibras vegetais na natureza, permite perceber também as inúmeras possibilidades plurais de criação. Nessa perspectiva o processo de comunicação aberto de modo a fomentar a troca de experiências oferece a condição espontânea para o desenvolvimento de formas diversificadas analogamente como ocorre na própria natureza.

A compreensão desse processo técnico-construtivo elementar permite perceber a razão paradoxal do artesanato. Se esse modo de produção é marcada pela repetição ou pela cópia, por que é possível admirar sem dificuldades o mundo diversificado de formas, aparências e principalmente, de estruturas?

O fazer artesanal possui um estigma quase indelével, mas a padronização é fato industrial. O artesanato é essencialmente criador resultante qualitativa da rede de transmissão oral. A originalidade dos trabalhos permite a associação à identidade cultural a partir de seus objetos.

Trata-se sim da presença do olho, da mão e do coração como afirmou Ruskin, mas esse olho, essa mão e esse coração se entrelaçam por meio da transmissão oral inerente do fazer artesanal, que se torna auto-evidente no desenvolviemento vivo dos objetos do artesanato de pessoa para pessoa, de comunidade para comunidade apesar da mesma ideia da estrutura e forma como ponto de partida.

O ensino e a aprendizagem da fibra vegetal em design na moda e têxtil

Se o fazer artesanal pressupõe a indissociabilidade entre o fazer manual, da transmissão oral e o trabalho coletivo ou comunitário, e as fibras vegetais permitem recuperar a praxiologia da experiência consciente do trabalho coletivo e criador, então essa atividade geral constitui-se por excelência, atividade crítica de esclarecimento e emancipação por meio da educação.

Por extensão, ao design de moda e de produtos têxteis proporcionaria a reflexão de seu papel em sociedade em função das possibilidades inerentes da aprendizagem sob o ideal do trabalho coletivo e criador e abertamente comunicativo, para além de determinações pedagógicas lastreadas pela conjuntura homogeneizante do modo de produção dominante.

A aplicação pedagógica consciente do dinamismo complexo do fazer artesanal no processo didático da relação entre educador e educando no design de moda e têxtil baseada em fibras vegetais ofereceria condições de experimentação de um modelo includente de participação na produção e usufruto de seus bens materiais e imateriais.

Mesmo em propostas mais avançadas de aplicação e uso de fibras vegetais em design de moda e têxteis não há crítica estrutural ou ruptura com o modelo vertical dominante global de produção, uso e descarte, mas a sugestão de uma opção de trabalho com as mesmas características, embora com a consciência da necessidade de inclusão de marginalizados. No entanto efetivamente propostas dominantes não alteram a estrutura do padrão de trabalho ou produção, mas oferecem uma alternativa de substituição de matérias-primas.

Em geral tais propostas por não alterar a natureza e a característica estrutural dos valores e condições reduzem a questão da importância das fibras vegetais em design de moda e têxteis à mera necessidade de introdução desses produtos no mercado, em geral também com medidas sem resultados significativos.

A observação da criação no fazer artesanal e sua unidade com a transmissão oral e o trabalho coletivo permite compreender sua natureza e peculiaridades diante da produção industrial e sua história moderna, não como um fazer etapa incipiente, primitivo ou *subdesenvolvido*, mas como modo de produção singular, complexa e base dinâmica para a compreensão do modo de produção do futuro, devido ao seu caráter socialmente justo de inclusão e coerente com o ecossistema para a vida humana e de todos os seres vivos. Daí a sua relevância atual em termos didático-pedagógicos pela viabilidade em ambiente educacional e pela simplicidade intrínseca do processo de trabalho entre educandos e educadores de fibras vegetais em design de moda e de produtos têxteis.

Considerações finais

Sugere-se que os objetos de moda baseados em fibras vegetais, historicamente resultam de um processo de produção essencial ao bem-estar

social de suas comunidades. Nesse processo residem pilares indissociáveis como o saber fazer, a transmissão oral e o trabalho comunitário. A realização didática desse processo constitui a realização, por excelência, do papel educacional e construtivo do design de moda e de objetos têxteis em sociedade. Em um aspecto geral, a consciência desse processo e a preservação de seu saber, de suas condições básicas e de sua divulgação livre, relacionam-se às expectativas de segurança alimentar e de combate à fome global relacionadas às reflexões, ações e expectativas do *Ano Internacional das Fibras Vegetais*, que no entendimento resultante deste estudo, observa-se necessário o desenvolvimento no âmbito da educação pública, na qual o design na moda exerce importante significativo papel.

Referências bibliográficas

ARTE popular in natura. Artesanato em fios. Rio de Janeiro: Réptil, 2009.
BARDI, L. Tempos de grossura. O design no impasse. Pontos sobre o Brasil. São Paulo: Instituto Lina Bo e Pietro Bardi, 1989.
COLCHESTER, C. Textiles. Tendências actuales y tradiciones. Barcelona: Blume, 2008.
DEFORGE, Y. Por um design ideológico. In: Estudos em design. Rio de Janeiro: AEnD, 1994. p.15.22.
ERNHARDT, et.al Fibras celulósicas naturais. In: Curso técnico têxtil. São Paulo: EPU, 1976. p.8-43.
FERRO, S. O desenho e o seu contra-desenho. In: Arquitetura e trabalho livre. São Paulo: CosacNaify, 2006. p.419-435.
FORTY, A. Design e mecanização. In: Objetos do desejo. Design e sociedade desde 1750. São Paulo: CosacNaify, 2007.
FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
----------. Pedagogia do oprimido. 27ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
MANZINI, E., VEZZOLI, C. O desenvolvimento de produtos sustentáveis. Os requisito ambientais dos produtos industriais. São Paulo: EDUSP, 2002.
PIAGET, J. Seis estudos de psicologia. 18ed. Rio de Janeiro: Forense, 1991.
SENNET, R. O artífice. 2ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.
VYGOTSKY, L. A formação social da mente. 3ed.São Paulo: Martins Fontes, 1989.
SINGER, P.,SOUZA, A.R. A economia solidária no Brasil. A autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto, 2003.

Endereços eletrônicos

Nations Unies. A/res/61/189. Assemblée générale. Résolution adoptée par l'Assemblée génerale. 61/189. Année Internationale des fibres naturelles (2009).Disponívelemhttp://daccessddsny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N06/505/78/PDF/N0650578.pdf?OpenElement Acesso em 10/03/2010

Prometeu acorrentado; trad. J.B. de Mello e Souza (2005). Disponível em http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/prometeu.html Acesso em 10/03/2010.

Quince fibres natures. In: Año Internacional de lãs Fibras Vegetais 2009. Disponível em http://www.naturalfibres2009.org/es/index.html Acesso em 10/03/2010.

The 1 billion hungry project. FAO appeals to public to blow whistle on hunger. Disponível em http://www.fao.org/webcast/ Acesso em 10/03/2010